



# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**

PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

### Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. | Brazil, anno 52 números..... 23500 rs  
Semestre, 26 números..... 3500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 números.. 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

**Lithographia Artistica**  
Rua do Almada, 32 e 34

## O NOVO REGULAMENTO DOS CREADOS DE SERVIR



— Oh! Maria! Isto é demais! Já p'ro meio da rua!!!

— Já? Isso está-se nas tintas. Ainda cá ficamos tres dias. Art. 47.º do regulamento. ANTÃO CUMIÉ?

## A TORRE DE MARFIM

Um escândalo recente produzido em Paris tornou muito falado um certo Jacques d'Adelsward, barão e poeta, de quem um dos seus amigos diz, fazendo o seu retrato: «Pertence á escola dos jovens poetas que fazem réclame com a sua propria pessoa».

Não sabíamos que o fazer réclame com a sua propria pessoa constituia já a característica de uma escola litteraria. Até aqui as escolas definiam-se mais pelas idéas do que pelos individuos. O que sabíamos—e por isso nos decidimos a tratar este assumpto—é que existiam poetas que faziam réclame com a sua propria pessoa.

Certamente, a litteratura nem sempre foi alheia a esse espirito de publicidade a todo o transe que se chama—a *reclame*, e mais de um litterato tem sido surprehendido a fazer a côrte a essa sempre joven cor tezã que é a fama e que a uns se dá e a outros se vende; mas em regra, as naturezas artisticas distinguiram-se sempre das naturezas adventicias por um desdem superior, ou por um largo abandono em frente do publico.

Nesses seres privilegiados, a conquista da fama fez-se irresistivelmente pelas seduccões do seu proprio genio, que, acima de tudo, era ferozmente independente em todas as suas relações com a vida intellectual.

O que caracterisava o antigo homem de letras era a intransigencia.

O homem de letras abominava as falsas reputações e accommettia-as nos seus altares mais venerados.

O homem de letras detestava a mediocridade e ia arrancar-a aos seus antros.

O homem de letras aborrecia a mentira e desmascarava-a.

O homem de letras era o inimigo pessoal da injustiça, do preconceito, do absurdo, como era o inimigo fidalgal da banalidade, da vulgaridade, do logar commum, na vida como nas letras.

O homem de letras era uma natureza *d'élite*—uma especie de Bayard do espirito, a quem faltava muitas vezes dinheiro, mas a quem não faltava nunca direito e bravura.

O homem de letras era um personagem épico no meio da sociedade contemporanea, porque, emquanto os outros fundavam a sua força no poder das suas influencias e das suas fortunas, elle fundava-a unicamente na ascendencia do seu espirito.

Assim, um poeta pobre, só na sua mansarda, com o seu genio e um cobertor, era uma força social.

Mas a decadencia do orgulho humano, que é uma das características

dos tempos que vamos atravessando, fez decair tambem o orgulho litterario. Veio o fim das aristocracias. A burguezia triumphou. As letras paucaram com o burguez. Os altivos senhores do espirito desataram a pedir casamentos, logares, empregos, réclames e bilhetes de favor. Os letrados dispersaram, como uma legião que já não tem que fazer e desarma. Deixou de haver uma *élite* e a litteratura tornou-se forasteira, aventureira e charlatanesca.

É o caso d'hoje.

Os poetas fazem réclame com a sua pessoa. Em vão os buscaremos nas mansardas d'out'ora, sós com o seu cobertor e o seu genio.

Onde elles estão é no Central.

Quereis vel-os?

Aqui os tendes. São estes moços pallidos e de guedelha, todos vestidos de negro, que entram pausadamente depois de começar o jantar, para não dar nas vistas, e se vão sentar solitariamente diante de um prato de sopa e de uma garrafinha d'agua de Vidago. Reparae bem. O seu aspecto é o de individuos tomados de uma melancholia irreparavel. Não olham, não veem. Todos elles parecem estar mergulhados em insondaveis reflexões.

Comtudo, se reparardes melhor, observareis que, por baixo d'olho, elles vos espreitam e procuram verificar se os haveis notado, o que quasi sempre succede, porque quasi sempre a sua guedelha, o seu porte, a sua melancholia e a sua agua de Vidago terão acabado por attrahir a vossa attenção e vós tereis concluido por perguntar quem é o mysterioso personagem, ao que haverá sempre quem responda:

— Ah! não conhece? É o poeta X! Muito talento!

As naturezas poeticas procuram o retiro e o silencio.

Os poetas d'hoje procuram a multidão.

É que o retiro e o silencio só são propicios á Musa, emquanto que a multidão é propicia á publicidade, e o que o poeta deseja, antes de ter genio, é ter fama. Para a ter elle fará tudo e ha uma virtude de que elle escrupulosamente se absterá— a intransigencia.

Para conquistar os homens é preciso lisongear-os. Elle lisongeará. Orgulho da intelligencia, orgulho d'arte, adcus! O poeta arregaça um pouco as calças e ajoelha diante de toda a vasta, a incommensuravel mediocridade humana.

Adquiriu elle a fama?

Muito bem.

Vae tratar do resto, porque—é preciso dizel-o—este homem cheio de fastio, é cheio de appetites.

E' então que desce definitivamente

da torre de marfim e entra no Orçamento.

Quereis encontral-o? Em vão o buscareis na sua velha mansarda, com o seu genio e o seu cobertor.

Onde elle está é na maioria.



JOÃO RIMANSO.

**Louvado seja Deus!**

Foguetes de bons tamanhos  
Vão p'los ares estalar,  
Porque os homens dos *amanhos*  
Foram todos tomar banhos  
Nas salzas ondas do mar.

Fugindo d'aquellas fragoas  
Do seu trabalho importuno,  
Vão esquecer-se de maguas  
E lavarem-se nas aguas,  
Por favor do deus Neptuno.

A lavagem sempre é bella  
Em qualquer occasião;  
Mas perfeita só é ella  
Quando chega a ser barrella  
Que faz gasto de sabão.

Se em casos muito *sinistros*  
Se lavam umas cerroilas  
Deve metter-se em registros  
A lavagem de ministros  
Cobertos de lentejoilas!

Ah! quando findem a empreza  
De mergulhar o toução,  
Pés, mãos e mais natureza ...  
Limpos de grande e á franceza  
Farão um bello serviço!

Confiança! que é *chegado*  
O dia da *redempção*! ...  
Sobre o trombone afinado,  
Rufe o tambor apressado,  
Pareça o bombo um trovão!

Quando cheguem esses *paes*,  
Já sem pó e sem bolor,  
Hão de parecer christaes ...  
E ninguem falará mais  
No tributo esfalador!

Que o *Zé povinho* acompanhe  
A *chegada* festiva!  
Com zurrapa, e não Champagne ...  
Sem policia que o apanhe,  
Sem sabre da *municipal*!



## OUTRA NA FERRADURA

Mais um cavalheiro de industria, para que assim o digamos, foi absolvido na Boa-Hora.

Os suffragios do jury recairam d'esta vez n'um estrangeiro, reconhecidamente culpado de ter querido burlar uma casa bancaria d'esta cidade.

Referimo-nos, com o devido respeito, ao nobre conde de Toulouse-Lautrec.

Apesar de ter sido elle que tentou roubar-nos, foi elle que se declarou roubado.

Assim o disse no tribunal: «No juizo de instrucção só souberam roubar-me a mim, tirando-me tudo quanto possuia».

Ainda havemos de assistir a pedidos de indemnisação.

Ainda a proposito do nobre conde, informa um jornal que elle se apresentára no tribunal primorosamente vestido, ao mesmo tempo que um outro assegura que a sua *toilette* deixava bastante a desejar.

Os jornaes deveriam uniformisar este genero de informações, pelo menos por uma arbitragem.

O arbitro está naturalmente indicado: — o Amieiro.

De visita ao Collegio de Campolide refere um jornal da tarde, n'esse tom pessoal que está tornando tão interessante a imprensa de Lisboa:

«Proseguimos na visita ao museu — logo de entrada, n'uma *vitrine* envidraçada vemos uma enorme gallinha tendo em volta os pintos, cada qual como que vivendo o seu papel. E' um delicioso grupo embalsamado que acordou por instantes as cinzas da nossa quasi extincta mocidade».

Diriamos a impressão de um gallo que se recorda:

Não é bem litteratura: — é canja.

Um jornal de Paris attribue a Leão XIII a opinião de que Portugal e a Hespanha são paizes agonisantes.

Não devemos querer mal por isso á sua memoria.

Tambem elle, como nós, largamente agonizou e nós como elle, temos folego de gato.

Elle resistiu a um grande numero de operações cirurgicas.

Nós resistimos a um grande numero de operações financeiras.

E ainda os doutores Castroni e Ri-

beironi não dissêram a ultima palavra.

Agonisamos certamente, mas ainda vamos aos toiros e ainda nos batemos com a *bella lula* de caldeirada, ali na feira de Alcantara.

Correram boatos em Paris de uma conspiração militar em Portugal e os fundos desceram. Mas logo o sr. Almada Negreiros a desmentiu, e os fundos subiram.

Abençoado sr. Almada Negreiros! Em virtude d'estes successos, corre que o sr. Almada Negreiros vae ser nomeado nosso ministro em Paris, sendo o sr. Thomaz Rosa promovido a Almada Negreiros—de primeira classe.

A Liga de Propaganda contra o tabaco vae estabelecer uma delegação em Cascaes.

Já sabemos: — é um estanco.

Sob o titulo—*Terna despedida*, inseriu um jornal da manhã um telegramma de Roma, assim concebido:

«Momentos antes de Leão XIII soltar o ultimo suspiro, o cardeal Rampolla abraçou-o *ternamente*, conservando-o em seus braços durante alguns instantes».

Outro jornal escreve:

«Pio Centra e o dr. Lapponi, ampararam-lhe *amorosamente* a cabeça.»

Os jornaes não tem positivamente não diremos já o sentimento das situações, mas o das proporções.

Contam a morte do Papa e parece que nos estão a contar a morte da *Dama das Camélias*.

Mas quê! Na imprensa de Lisboa o *delambido* está em moda.

Pedimos um jornal que nos instrua e nos informe com saber e exactidão e entra-nos em casa uma coisa esguedelhada e olheirenta que nos toma todo o nosso precioso tempo a falar-nos alambicadamente dos seus infortunios pessoases.

O que afinal a imprensa de Lisboa nos fornece é hypocondria— com alguns erros de caixa.

Julgamento de sensação em Vizeu, com a Duse—perdão! — com o dr. Afonso Costa.

Um correspondente diz que um dos

advogados «prende o auditorio durante 35 minutos».

Sem culpa formada—é bastante.

Depois, está claro, soltou-o.

Tambem é o que vale.

O sr. tenente-coronel Machado declarou-se desilludido da vida publica e fala em retirar-se á vida particular.

Não é uma resolução: é uma pescadinha de rabo na bocca.

O FERRADOR.

### Trovas de Pero Botelho

Viu-te o diabo á lua cheia.  
Ficou-lhe o peito n'um forno,  
Baixou-se, quebrou um corno  
E com o corno na areia.

Em letra gorda, excellente,  
E esto audaz, imprevisto,  
Começou a escrever isto  
Desbargadissimamente:

I

Vinde a ella oh apyreticos!  
Vinde a ella oh almas áridas!  
Porque os seus olhos magnéticos  
São um casal de cantharidas.

II

Passou um dandy, um snob,  
Nas janellas pequeninas  
Dos teus olhos, as meninas  
Accenaram-lhe: pst! sobe!

III

O sentimento do amor  
A' pedra no ar se parece,  
Quanto mais acima fór  
Com tanta mais força desce...

IV

O teu seio, mal que o vi  
Deixou-me os olhos em chamma;  
Não haverá por ahí  
Nada de algodão em rama?

V

Auscultei-lhe o peito. Em vão,  
Seio mudo. Agua de poço,  
Terá ella o coração  
Dentro do intestino grosso?

VI

Li ha pouco o nascimento  
D'um filho teu, no jornal  
Que ha cinco mezes e tal  
Narrava o teu casamento.

VII

Que fundas mudanças fazes  
Com teus olhos libertinos!  
Envelheces os rapazes,  
Tornas os velhos meninos.

VIII

Sem mal, na comparação:  
Se a cabeça de repente  
Te cortassem, toda a gente  
Exclamava: olha um balão!...

GIL.

O ULTIMO SUSPIRO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

FOR ECONOMIA

## CASOS E COISAS

Eu nunca quiz mal ao fallecido pontífice.

Por esta cruz dos meus indices, que beijo—aqui o juro.

Não querendo pois mal ao respeitavel velho, confesso que por vezes, me percebi a desejar lhe a morte.

E' que, realmente, isto de almoçar noticias do Papa, lançar ultimas palavras do Papa, jantar opiniões prognosticas dos medicos do Papa e ceiar revelações sobre a vida de Centra, creado do Papa, é de fazer crear parasitas até na cabeça mais limpa.

Parece que o mundo inteiro não pensava n'outra coisa, como se a morte de Leão XIII produzisse maior impressão no Orbe, do que produziu no bairro da Lapa e de Campo de Ourique a morte do Leão... da Estrella!

A' primeira vista um homem prevenido que viesse do centro do Continente Negro onde andam a civilisar pessoas, ou a vender ou fuzilar pretos, o que na synonymia moderna é a mesma coisa, desde menino, ao lêr os jornaes de todo o mundo poderia imaginar que o eixo da Terra ameaçava deslocar-se com a morte do prisioneiro do Vaticano, que as nações iam ser impellidas umas contra as outras, como ondas de mar revolto, que se fechava a porta do Céu para os papalvos de todas as religiões que o promettem, que, emfim, uma prova crudelissima como um terramoto de Lisboa ia assolar as capitães e as aldeias da Terra.



As ultimas palavras, as horas de somno, as grammas de liquido das seringas de Pravaz, o numero de benções, as faltas de caldo, as faltas de vista, as mudanças de posição, a falta da chave dos thesouros debaixo do travesseiro, as entradas de Rampolla, as saidas de Oreglia, tudo se contava e esplanava e explicava e commentava n'uma ancia de informação, como se fosse preciso prevenir o Planeta, da hora, do momento, em que a terrivel hecatombe houvesse de realisar-se.

Sollicita a parte jornalística da humanidade, avisava a grande parte restante para que se não descuidasse de que se approximava a grande prova.

Exemplificava ella a ordenação, o aviso do Christo aos Apostolos: «sêde vigilantes por que não sabeis o dia nem a hora».

O ingenuo homem dos mattos crel-o-ia, assim, relacionando com o caso,

as mortes e guerras que faz rebentar nas tribus indigenas, a morte de um regulo poderoso, um Gungunhana qualquer.



E, todavia, todo esse cuidado, todo esse zelo, todo esse trabalho de dedos não passou de uma simples applicação de rethorica!



Interesse pela vida do Papa, desejos das suas melhoras, orações pela sua vida, criticas ao seu talento politico, com grave offensa ao senhor Hintze e ao senhor Zé Luciano, analyse dos seus versos latinos, protestos de veneração e de estima, admiração pelas suas virtudes — não contando a de juntar 5:000 contos — tudo isso não passou de rethorica!

Fizeram-n'a, os padres no pulpito; os jornalistas nas folhas; os litteratos nos cafés; os passeiantes nas ruas.

Cada um por seu interesse; alguns para distracção; a maioria por hypocrisia ou pedantismo.



Dos homens como das nações.

Um imperador reza; um rei soluca; um presidente afflige-se. Descendo: os principes interessam-se; os fidalgos telegrapham; os politicos informam-se.

O alto clero faz preces; os gatos pingados choram.

E, isto fazem todos para que os ouçam, ou para que os notem, ou para que os leiam.

Rethorica falada; rethorica escrita; rethorica de sentimento.

O padre pensa na ama, o jornalista na venda do jornal.

O Papa é um motivo, uma cousa a explorar, como uma nascente de petroleo ou a canna de assucar.

Gastam-se toneladas de tinta, gastam-se os transmissores telegraphicos para noticiar ao mundo as peripecias da morte de um homem—*conticuere omnes*, a humanidade que attenda; esse homem morre e nem um planeta saiu da orbita, nem um rio fugiu do leito, nem uma arvore seccou, nem uma ave caiu do ar, cousa alguma annunciou na Terra uma ligeira modificação ou perturbação.

Os reinos conservaram as fronteiras—os homens as convicções.

E assim devia ser.

Por maior na altura ou no talento que seja um Papa, elle faz tanta falta á humanidade—de hoje—como qualquer outro homem.

Esta falta é nenhuma.

Depois os Papas são como os reis — rei morto rei posto — Papa morto Papa posto.

Onde está a differença?

No nome.

Este é Leão, aquelle será Tigre.

O senhor dos Orbes, por mais que elles o calumniem, pouco se deve importar com isso.

A humanidade que pensa, essa vê-o como uma reliquia, curiosa, pittoresca, de um grande passado.

As reliquias são para os museus.

Vêem-se com curiosidade e prazer, mas não vae além d'isso o interesse.

Das lamentações, de todas as que vi, só me pareceram sinceras... as dos sobrinhos!

Quanto á humanidade que se lamenta e que chora, como uma Magdalena, fez vontade de lhe gritar, aquellas palavras consoladoras da revista:

Não chores que tambem vaes...

KARLOS.



## Cantiga do Zé

Meus amigos da Parodia,  
Ando muito atrapalhado:  
Toda a vida condemnado  
A repar o fundo ao tacho;  
Não ha *bago* para as *gotas*,  
Já no prego puz as botas,  
Tenho as minhas calças rotas  
Por de cima  
E por de baixo!...

O meu cobertor de papa  
Já me não cobre do frio,  
Porque o meu hom senhorio  
D'elle fez o seu capacho;  
Quando quero entrar na pinga  
O tendeiro Zé Catinga  
Duramente me seringa,  
Por de cima  
E por de baixo!

Quando a decima não pago  
Por que já empenhei tudo,  
Um patusco carrancado  
Logo chega com relaxo:  
Se esta minha bocca se abre  
Com o pezo do *calabre*,  
Apparece logo um sabre,  
Por de cima  
E por de baixo!

Queira, Deus que o novo Papa,  
Que é vigario do meu Christo,  
Venha dar concerto a isto,  
Que é bem torto cambalucho;  
Cantarei eu n'esse dia  
Com os anjos á porfia,  
E, teremos alegria  
Por de cima  
E por de baixo!

**Opinião**

*Bonnefon*, se a memoria me não engana, mas seja ou não o nome do homem, um jornalista francez, declara que a opinião de Leão XIII, sobre Portugal e Hespanha era de que são dois paizes agonisantes.

Como o Papa é infallivel será bom mandar pedir emprestados a Roma os cardeas que rezaram ao pontifice a oração da agonia.

Já estão acostumados, adoçar-lhe-ão a morte.

O jornalista não diz a razão da opinião de Leão XIII.

O Papa não veria a coincidência de organisarem, no meio da sua civilisação, cheia de ensinamentos e de estudos profundos, em todos os ramos da actividade humana, justamente, os povos catholicos por excellencia? Se a viu, não a disse.

A sua sinceridade pagámos-lh'a mandando aos nossos canhões berrarem o seu lucto pelas aguas do Tejo, á imitação dos gladiadores: «Cezar, os que vão morrer, saudam-te!»

Isto não é um paiz, é uma colonia de maduros.

**Todos.**

Diz um jornal biographando Leão XIII:

«Joaquim Pecci nasceu sacerdote».

Não é nada extraordinario; é a maneira por que todos nascem.

Se o biographo tivesse na sua vida assistido a um parto saberia que ha, em todos, um momento em que a parteira diz: —já é padre.

Não posso descrever, por muito realista, esse momento, mas é conhecido de muitos.

Já vê que lá por esse lado o extraordinario Leão, não foi superior a qualquer de nós, animaes de menor cathedra.

Registe-se.

**Parabens**

De um jornal: «Saiu já da casa de saude, o nobre chefe do partido progressista».

Agora percebemos a viagem.

«Póde considerar-se restabelecido».

Parabens ao paiz.



**Ataque**

Dizem os jornaes que uma tal Bronchite accommetteu, ultimamente o sr. Hintze Ribeiro, em Paris.

Oh! Mademoiselle!

**Visita**

O sr. Pimentel Pinto foi visitar a Casa Pia, como ministro do reino.

Não lhe bastam os negocios da guerra para a sua febril actividade.

Visitou o terraço, o refeitorio, o claustro e as camaratas.

Junto á capella de Herculano sua excellencia disse:

— Já cá estão tres escriptores e dois marinheiros. Falta aqui um general!

A banda tocou o hymno da Carta e os pardaes cantaram a Grã-Duqueza. Um delirio.

**Ourivesaria**

Abriu-se no Chiado, uma ourivesaria de bella installação, vá lé o gracioso reclamo, e de aprimorado gosto, segundo leio nas folhas.

Em vista da ininterrupta bondade dos tribunaes, não hesitamos em a recomendar aos Villa-Verdes e outros collegas dos ditos, amantes de boas joias.

Tambem lhe não levamos nada pelo aviso



**Telegraphia comica**

Roma, 19, n.

«O cardeal Vanutelli entrou ás 9 horas da noite no quarto do Pontifice suppondo que o agonisante ainda falava, porém, a sua vista achava-se perturbada».

E por perturbado da vista o Pontifice não falava.

Roma, 19, n.

«O cardeal Vives foi substituir o confessor Pifferi, que é surdo e tem 84 annos».

Um confessor surdo é um cumulo de precaução, para alguém que seja infallivel.



**Zarageta no armazem da agua benta**

Por causa da eleição do novo Papa Vae santa bulha lá p'lo Vaticano; Cada qual galopina e traça o plano Para que um bom cabide encontre a capa.

Nações, que fazem vulto sobre o mappa, Mettem no caso o seu bedelho ufano: Uns querem Papa democrata, em damno Dos que o querem politico, á socapa.

Este santo chifnrim, este caroço Custa a roer a todos as beatas De reinos estrangeiros... e do nosso!

Temos pois eleição entré berratas... Porém, leitor, asseverar não posso Se metterá carneiro com batatas.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

Banhos do mar e aguas thermaes em 1903. Serviço combinado entre varias estações d'esta companhia e diversas das linhas do Sul, Sueste, Beira Alta, Minho e Douro Porto a Povoia e Famalicão e Guimarães.

Viagens de ida e volta a preços reduzidos com bilhetes validos por dois mezes com a faculdade de ampliação de prazo e de detença em diversas estações de transito.

Em identicas condições do serviço especial interno d'esta companhia para a epoca de banhos e aguas thermaes, já devidamente annunciado desde 15 de junho até 31 de outubro de 1903 as principaes estações das linhas acima mencionadas terão á venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, com destino ás diversas localidades de banhos de mar e aguas thermaes servidas pelas estações das linhas combinadas.

Demais condições e preços ver os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 10 de Junho de 1903

O Director Geral da Companhia Chapuy.

Ourivesaria e Relojoaria  
com officina annexa  
de fabrico e  
concertos

**FLORINDO**

Jóias  
com brilhantes  
Preços limitadissimos  
99, RUA AUREA, 96

Abolida  
Em todos os tempos  
Francisco Santos  
Gremio Luzitano

Marcellino Mesquita

**UMA ANEDOCTA**

Episodio dramatico

Preço 200 reis

Requisições a Carlos Martins — Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º

# IR BUSCAR LÃ



A lei de Monrœ—A America aos americanos... e a Policia tambem.

## CONSELHOS AO AERONAUTA CARTON



Quando elles se agarrarem...



Alije lastro... e corte a corda, ahi pelas alturas do meio do Tejo.

